

VOCABULÁRIO DE ENTRE DOURO E VOUGA.

I. ARTES DE PESCA MARÍTIMA

Elementos para um Estudo Comparativo da Linguagem
da Pesca de Portugal e Brasil

ARLINDO DE SOUSA

ABREVIATURAS GRAMATICAIIS, FILOLÓGICAS E OUTRAS

<i>adj.</i>	=	adjetivo.
alem.	=	alemão.
alt.	=	alto.
ant.	=	antigo.
Cf. ou cf.	=	Confrontem ou confrontem.
<i>E</i>	=	Etimologia.
ed.	=	edição.
escand.	=	escandinavo.
esp.	=	espanhol.
fr.	=	francês.
gr.	=	grego.
hol.	=	holandês.
<i>ibid.</i>	=	aí, no mesmo lugar, na mesma obra.
<i>id</i>	=	o mesmo; o mesmo autor.
ingl.	=	inglês.
ital.	=	italiano.
lat.	=	latim.
<i>n</i>	=	neutro.
neerl.	=	neerlandês.
nórd.	=	nórdico.
norm.	=	normando.
pág., págs.	=	página, páginas.

<i>pl.</i>	=	plural.
<i>port.</i>	=	português.
<i>s.f.</i>	=	substantivo feminino.
<i>s.m.</i>	=	substantivo masculino.
<i>s.v.</i>	=	no vocábulo, no termo.
<i>v.</i>	=	verbo.
<i>v.g.</i>	=	por exemplo.

ABREVIATURAS DE AUTORES E OBRAS

A Ria = Augusto Nobre — Jaime Afreixo — José Macedo, *A Ria de Aveiro*, Lisboa, 1915.

AABS, *Pescas* = A. A. Baldaque da Silva, *Estado Actual das Pescas em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892.

AAC = Antônio Augusto Cortesão, *Subsídios para um Dicionário Completo (Histórico-Etimológico) da Língua Portuguesa*, Coimbra, 1900.

ADA = *Arquivo do Distrito de Aveiro* (desde 1935; ainda em publicação).

AM, *DELL* = Augusto Magne, *Dicionário Etimológico da Língua Latina*, Rio de Janeiro (desde 1952: vol. I, A-AI, 1952; vol. II, AQ-CAL, 1953; vol. III, CAM-CI, 1953).

Bta = J. A. Ferreira Baptista, no "*Arquivo do Distrito de Aveiro*".

CF = Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 4.^a ed..

CGHP = José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 2.^a ed., Lisboa, 1930; e outras edições.

CM, *Lições* = Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*.

Coelho = Francisco Adolfo Coelho, *Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguesa* . . . Lisboa, s.d..

Correia, UN = João da Silva Correia, *Unhas Negras*, Lisboa (1953 ou depois).

Diez, *Gram* = Friedrich Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen*; tradução francesa de Auguste Brachet et Gaston Paris, com o título “*Grammaire des Langues Romanes*”, Paris, 1874.

Diez, *EWrs* = Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, Bonn, 1876-1877.

DLC = *Diccionario de la Lengua Española* por la Real Academia Española, 15.^a ed., Madrid, 1925.

Dozy = Dozy et Engelmann, *Glossaire des Mots Espagnols et Portugais dérivés de l'Arabe*, Leida, 2.^a ed., 1869.

Eguilaz = Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *Glosario Etimológico de las Palabras Españolas (Castellanas, Catalanas, Gallegas, Mallorquinas, Portuguesas, Valencianas y Vascongadas) de Origen Oriental (Árabe, Hebreo, Malayo, Persa y Turco)*, Granada, 1886.

EWrs = Vêde Diez.

FEW = Wartburg, Walther von, *Französischen Etymologisches Wörterbuch...* Bonn-Leipzig-Basileia (desde 1922).

FT = Francisco Torrinha, *Novo Dicionário da Língua Portuguêsa*.

JS = Jules Cornu, *Die portugiesische Sprache*, Separata do “*Grundriss*”, de Grober, 2.^a ed., 1904-1906, Estrasburgo, 1906.

Lokotsch = Karl Lokotsch, *Etymologisches Woerterbuch der europaischen (germanischen, romanischen und slavischen) Wörter orientalischen Ursprungs*, Heidelberg, 1927.

LV = Leite de Vasconcelos.

Melo = Laudelino de Miranda Melo.

ML, Gram = Meyer Lübke, W., *Grammaire des Langues Romanes*, na tradução francesa de E. Rabiet Auguste e Georges Doutrepoint, Paris, 1890-1904.

ML, Introd. = Meyer Lübke, W. *Introducción a la Lingüística Romanica*, tradução de Americo de Castro, Madrid, 1926.

ML, *REW* = Meyer Lübke, W., *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, 1911-1920, 3.^a ed., 1935.

Nunes = José Joaquim Nunes.

REW = Vêde ML, *REW*.

RL. = *Revista Lusitana* (desde 1887).

INTRODUÇÃO

Borda, pelo poente, a região douro-vouguense uma grande corda de mar.

São municípios marítimos: Gaia, Espinho, Ovar, Murtoza, Estarreja e Aveiro.

O território litorâneo foi habitado desde os tempos mais remotos.

Em Valadares e Lavadores, do município de Gaia, foram achados despojos do asturiense, pré-neolítico⁽¹⁾.

Tôda a região marinha, sabemos-lo, sobretudo, pela toponímia, viveu as civilizações das mámoas e das antas, do eneolítico, do bronze e do ferro; conheceu as brigas e as motas iberas, celtas e celtiberas; ergueu castros, vilas, casais, póvoas e fanos romanos; cultivou a cristandade de godos e suevos; plantou acistérios, capelas, ermidas, igrejas e mosteiros; e orou algo, também, pelo catecismo árabe⁽²⁾.

Nos documentos medievais, aparecem, muitíssimas vêzes, as expressões *prope lit (t)us maris*, *prope lit (t)oris maris*, etc., na demarcação das terras próximas, e, por vêzes, longinquoas.

O mar estendeu a sua influência, desde as idades mais remotas, não apenas às terras à borda da água, mas até aonde se faz ouvir os seus marulhos misteriosos, nos dias tempestuosos.

(1) — Arlindo de Sousa, *Estudos de Arqueologia, Etnologia e História — Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-Romana, Romana e Romano-Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1957, págs. 37-38.

(2) — Arlindo de Sousa, *Onomástica Pré-Romana — A Propósito de Três Divindades Ante-Romanas da Região de Entre Douro e Vouga*, na "Revista de Portugal", vol. XXV, Lisboa, 1960, e separata; *Toponímia Arqueológica de Entre Douro e Vouga*, na revista "Letras", n.º 11, Curitiba, 1960, e separata, etc.

tivos de verão, ou de inverno carregado, a vinte quilômetros da costa⁽³⁾.

De esqueletos de baleia são as traves e ripas das igrejas de Anta, Rio Meão e Canedo. Di-lo o povo.

A *imbida*, ou cordão umbilical, que os serranos de Arouca, Castelo de Paiva e Vale de Cambra enterram no solo, para que a criança que veio ao mundo, seja feliz, em Espinho, Ovar e Estarreja, terras marinhas, é lançada, com o mesmo fim, às águas do Oceano⁽⁴⁾.

Crenças do mar bem diferentes, na verdade, das da terra⁽⁵⁾.

A língua, produto ambiental, acompanha os gostos da sociedade. Exprime o que o meio lhe oferece: o que é mar é mar; o que é terra é terra.

A alma de um pescador do Furadouro que não conhece outros trabalhos senão os da pesca, que canta os seus produtos nas lotas e pelos sete caminhos de Ovar, que reza e pragueja, pragueja e reza, e promete, cada ano, um círio da sua altura, ao Senhor dos Navegantes ou a São Cristóvão, para que os dois santos o livrem das fúrias das águas, quando está cão o mar, é muito diversa da alma de um lavrador de Vale de Cambra que, na doce solidão de seus campos, sob o céu duma longa abóbada, engorda o gado, amanhã as vinhas, prepara os vinhos verdes, ordenha as vacas, fabrica queijos e manteigas, percorre as feiras, a encher de dinheiro fresco a

(3) — Cf.: "Tout cela plus sérieux encore dans les lieux voisins de la mer, qui y touchent sans la voir, qui n'en ont pas les spectacles, mais entendent sa grande voix. La terre déjà au repos, en silence, écoute les plaintes, les colères du vieil Océan qui frappe, recule et refrappe avec des rimes solennelles. Basse, profonde qu'on entend moins de l'oreille que de la poitrine, qui heurte moins le rivage encore que le coeur de l'homme..." (J. Michélet, *L'Amour*).

(4) — Cf. A. Lima Carneiro, *O Parto*, no *Arquivo de Medicina Popular*, vol. II, 1945, pág. 35.

(5) — Para o estudo da etnografia marítima, são fontes preciosas os jornais regionais, dos municípios litorâneos. Vêde, por exemplo, Arlindo de Sousa, *Nossa Senhora da Ajuda de Espinho...*, no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 12 de setembro de 1954. — Michel Bréal fala, em seu *Essai de Semantique*, da influência do mar na língua francesa, dêle vindo passar para as atividades mais comuns levas contínuas de termos, sc., *aborder*, *accoster*, *arriver*, *échouer*, *porter*, etc..

carteira surrada, e sobe à serra de Castelões, a implorar graças à Senhora da Saúde.

E, se a gente das lavouras é *Carqueja*, *Castanheiro*, *Gesteira*, *Mato*, *Moreira*, *Nogueira*, *Oliveira*, *Pereira*, *Pessegueiro*, *Pinheiro*, *Queirós*, *Salgueiro*, *Silva*, *Travaços*, etc., a gente das marinhas, do moliço e da pesca é *Areias* (Espinho), *Arrais* (Paramos, Espinho), *Bacalhau* (Espinho), *Bargão* (*ibid.*), *Barqueiro* (Ovar)⁽⁶⁾, *Bitchelo* ou *Bichelo* (*ibid.*)⁽⁷⁾, *Bóia* (Espinho), *Cação* (Murtosa e Ovar), *Camarão* (Ovar), *Carangueija* (*ibid.*), *Carangueijo* (*ibid.*)⁽⁸⁾, *Carapau* (Espinho), *Caravela* (Murtosa), *Faneca* (Ovar), *Faneco* (Ovar, e Silvalde, de Espinho)⁽⁹⁾, *Fatoco* (Espinho), *Fragateiro* (Ovar e Aveiro), *Inguião*, por *Enguião* (Ovar), *Lapa* (Espinho), *Marinheiro* (Espinho e Ovar), *Mergulhão* (Ovar)⁽¹⁰⁾, *Muge* (Silvalde, de Espinho), *Navalhinha* (Murtosa), *Patrão* (Espinho), *Peixe* (*ibid.*), *Peixegoto* (Ovar), *Peixinho* (Aveiro e Espinho), *Perdido* (Espinho)⁽¹¹⁾, *Pitéu* (*ibid.*)⁽¹²⁾, *Pitinga* ou *Petinga* (Ovar), *Raia* (Ovar e Espinho), *Ré* (Ovar), *Rêdes* (*ibid.*), *Redilheiro* (Espinho)⁽¹³⁾, *Rovaco* (Murtosa), *Rubalo* (Ovar)⁽¹⁴⁾, *Ruibo* (Espinho), *Safa-a-Rêde* (Murtosa), *Salmonete* (*ibid.*), *Sardinha* (Ovar e Estarreja), *Sardinha* (Ovar e Estarreja), *Sardo* (Pardilho e Bunheiro, de Estarreja), *Sável* (Murtosa), *Solha* (Ovar), *Tainha* (*ibid.*), *Tarrafa* (*ibid.*), *Truta* (Espinho), *Zarrais*, em vez de *Os Arrais* (Silvalde, de Espinho)⁽¹⁵⁾.

(6) — Ano de 1693. Vêde Pe. Manuel Lirio, *Passos de Ovar*, pág. 106.

(7) — O mesmo que *merilhão*. A sonância *tch*, em vez de *ch*, é muito vulgar na região douro-voguense. Estudamos, muito desenvolvidamente, a fonética de Entre Douro e Vouga em nosso *Vocabulário de Entre Douro e Vouga — Subsídios de Geografia Lingüística para um Atlas Geral da Língua Portuguesa*, vol. I. *Introdução*.

(8) — Ano de 1717. Vêde Pe. Manuel Lirio, *op. cit.*, pág. 108.

(9) — O *Faneco*, de Ovar, é de 1873. Vêde *id.*, *ibid.*, pág. 116.

(10) — Ano de 1695. Vêde *id.*, *ibid.*, pág. 106.

(11) — Indivíduo que foi, milagrosamente, salvo de morrer afogado.

(12) — Comensal de pescadores.

(13) — Fabricante de rêdes.

(14) — Ano de 1699. Vêde Pe. Manuel Lirio, *op. cit.*, pág. 106.

(15) — Cf., a respeito da antroponímia inspirada pelo mar, Alain Villiers: "...The man fishes and the woman sells, and fish are so much a part of their lives that their very surnames come from fish. In Nazaré it is Mr. Bonita, and Mrs. Bream, young Master godfish, and his cousin Miss Haddock; nor does it strike anyone that there is anything incongruous in the names" (*Golden Beaches of Portugal*, in *The National Geographic Magazine*, November, 1954, p. 680).

E o mar inspira topônimos: *Costa do Mar, Francelos*⁽¹⁶⁾, *Marinha, Miramar, Praia da Granja*, etc.; títulos de casas comerciais: *Casa Mar, Mar Alto, Mar e Sol, Tá Mar*, etc.; locuções interjetivas: *êle aí vai agarrai-o*⁽¹⁷⁾, *vira de escota!* ou *vira ao norte!*, com a significação de “retira-te!”; imprecações: *o mar te coma!*, *o mar te leve!*; preções: *belo gruz!*⁽¹⁸⁾, *merque enguias!*; rifões: *bota para a bateira* (aliteração), *raia, em maio, tumba à porta*, etc.; falares rimados: *a raia faz cair a saia, homem do mar cabeça no ar, sardinha de são-joão pinga no pão*, etc.; comparações: *magro como um peixarenho, salta como uma sardinha*, etc.; tropos (metáforas, sinédoques, ironias, metonímias): *anzol*, na expressão *deitar o anzol*, isto é, procurar atrair⁽¹⁹⁾; *bacalhau*, mulher magra; cf.: “Tôda a palha enche palheiro, / Todo o fiado faz pano. . . / Quem casa com mulher magra / Tem *bacalhau* todo o ano”; e *apertar o bacalhau*, apertar a mão; e, ainda, *pesar bacalhau*, cabecear com sono; *cação*, pessoa travêssa, irrequieta, folgazã, maldosa, velhaca, etc., qualidades tôdas tiradas do cação, peixe; *aluncha*, já em 1676, um João Pereira *Cação* com pai e avô também *Cação*⁽²⁰⁾; *carangueijola*, nome gracioso dado às primeiras caminhetas que começaram a circular⁽²¹⁾; *caranguejeira*, qualidade de ameixa grande e da côr dos carangueijos; *escota*, na expressão *ter a escota na mão*, ter o govêrno ou o seguro na mão⁽²²⁾; *faneca*, na expressão *pintar a faneca*, praticar diabruras; *fateixa*, na expressão *deitar a fateixa*, atrair, aliciar⁽²³⁾; *fatoco*, indivíduo baixo;

(16) — *Francelo* é o nome de uma ave marítima. Cf. o rifão poveiro (de Póvoa de Varzim): “*Francelha à prala, sinal de peixe*”. Em nosso *Vocabulário*, vols. II e III, poderão ver-se outros nomes de aves aquáticas: *alcatraz, arau, buzo* ou *buzio, cagarra, franga-ribeirinha, gaivina, gaiyota, galego, galo-da-ria, garragina, gavinha, grual, gruleta, guarda-rio, guarda-rios, lavanco, narja, negra, painho, pardela* ou *pardelha, pita-da-água, pita-dório, rabacoeilha* e *viúva*.

(17) — “*Ell’ái bai, agarrai-o*”, na fonética vareira, espinhense: versos que os pescadores recitam ao *butar pró mar o barco*. As expressões, a seguir, são, assim, pronunciadas: *bira de scota!* e *bir’ò norte*.

(18) — O mesmo que *goraz*.

(19) — Cf. Cícero: “*homines capiantur, ut pisces*” (*De Senectute*, XIII).

(20) — Vêde *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XV, pág. 216.

(21) — João da Silva Correia, *Os Outros*, pág. 272.

(22) — Vêde o texto: “*Enquanto eu fôr vivo, êles não fazem o que querem, porque eu é que tenho a escota na mão*” (Arlindo de Sousa, *Vocabulário*. . . vol. II, de J. A. Ferreira Baptista, no ADA, XIV, pág. 35).

(23) — João da Silva Correia emprega a expressão em *Unhas Negras*, pág. 268.

diz-se, também, *fatoquinho*; *guarda*, parte da rêde que reforça o saco; *mar-bravo*, pessoa que se irrita e abrandece com facilidade⁽²⁴⁾; *pescar*, atrair, conquistar⁽²⁵⁾; observar, entender, compreender⁽²⁶⁾; *poitar*, pousar; *rêde*, na expressão *estender a rêde*, procurar atrair ou cativar; cf. o latim *tendere retia*⁽²⁷⁾ e o francês *tendre les filets*; ainda: *não enxugar a rêde*, andar sempre bêbedo⁽²⁸⁾; *rer*, na expressão *rer contas*, fazer contas, acertar contas⁽²⁹⁾; *salear*, trabalhar⁽³⁰⁾;

(24) — Vêde o meu *Vocabulário...*, vol. III, onde damos mais: *mar*, área de água dentro do mar: "Os pescadores encontraram, hoje, um pedaço de *mar ruim*"; *vaga*, onda, conjunto de ondas; *pântano*, lagoeiro de águas pluviais; também já em Isidoro: "*Omnis congregatio aquarum abusive maria nuncupantur*". (*Etymol. sive Orig.*, XIII, 14); cf. o francês *mare*; *imensidão*, profusão, grande quantidade: um *mar* de livros, um *mar* de gente; também, no francês, v. g.: "...des bouleaux agités par les brises et dispersés çà et là formaient des les d'ombres flottantes sur cette *mer immobile de lumière*" (Chateaubriand, *Génie du Christianisme*); *peonte*: "Vermelho ao mar, velhas a solhar" (*solhar*, apanhar sol); *andar ao mar*: andar em serviço de pesca (barco, pescador, etc.); *correr o mar e a marinha*: andar de seca em meca; andar de um lado para outro; *mar-de-banco*, local onde as ondas começam a formar-se; *mar-de-terra*, mar próximo à costa.

(25) — "O Zé da Mata anda a ver se pesca a Maria da Viúva". Cf. o arrifanense [de Arrifana, mun. da Feira] quinhentista, Pe. Gonçalo de Oliveira: "Anda agora nesta casa aprendendo a doutrina, pera com êle pescarmos outros muitos..." (*Curta a S. Francisco de Borja*, escrita do Rio de Janeiro, em 21 de maio de 1570, ap. Pe. Serafim Leite, *Páginas de História do Brasil*, págs. 39-46).

Emprega-se, com a mesma significação de *pescar*, *fisgar*.

(26) — "Todos pescaram a coisa".

(27) — *Martialis, Epigr.*, II, 27.

(28) — "O Eurico anda sempre bêbedo. Aquêlê nunca enxuga a rêde" (J. A. Ferreira Baptista, *op. cit.*, XIII, pág. 196).

(29) — "Tu pagaste umas despesas, e eu paguel outras. Agora, é preciso *rer* contas" (*id.*, *ibid.*, XIV, pág. 32).

(30) — "O Simão é muito trabalhador. Nunca está parado, anda todo o dia a *salear*" (*id.*, *ibid.*, XIV, pág. 33). O vocábulo liga-se ao latim *sal*, sal. Como *salear* é termo da região das salinas de Aveiro, de um meio em que a ocupação dominante se relaciona com o *sal*, não admira que *salear* tomasse o sentido geral de "trabalhar", especializando a sua significação. Nos municípios, longe do mar, da Feira, Gala (freguesias do interior), Arouca, Vale de Cambra e Castelo de Paiva, costuma dizer-se, principalmente, quando se está no domingo, a propósito da segunda-feira: "Vamos descansar hoje, que, amanhã [segunda-feira] é *dia-de-pica-bot*. *Trabalhar*, por sua vez, parece provir de **tripaliare* (de **tripalium* "tronco de ferrador") "trabalhar num tronco de ferrador", passando a exprimir "fazer qualquer espécie de serviço". O espanhol diz *trabajar*, o italiano *travagliare* e o francês *travailler*.

Muitos outros termos das marinhas ou salinas de Aveiro podem ser vistos em nosso *Vocabulário...*: *algibé*, *andaina*, *andoar*, *apançar*, *balde* "pequena pá", *baldeação*, *baldear*, *baracha*, *barrento*, *bomba*, *bultr*, *cabeceira*, *caldeiro*, *cambêia*, *camisa-dos-meios*, *cercear* ou *circear*, *circio*, *coalhar*, *comedoria*, *curar*, *eira*, *imotrar*, *limônto*, *malhadal*, *manata*, *mandamento*, *marinha*, *marinhão*, *marnoto*, *meio-da-marinha-nova*, *meio-da-marinha-velha*, *mercantel*, *picante*, *picar*, *polme*, *rasoila*, *rasoira*, *redar*, *redrar*, *re-*

sardinha, bofetada, jôgo infantil; *toninha*, pessoa baixa; *traste*, banco dos remadores e pessoa ordinária; *velar*⁽³¹⁾, botar a vela ao ar para o barco andar, e deslizar qualquer barco, na água, mesmo sem velas⁽³²⁾.

————:o0o:————

A linguagem de pesca de Entre Douro e Vouga não se restringe apenas aos vocábulos que, abaixo, damos, separadamente, de artes marítimas.

A pesca douro-vouguense comporta uma terminologia muito rica que pode ver-se em nosso “Vocabulário...”⁽³³⁾:

dura, rer, rido, rodar, rôdo, safra, sainete, sainha, sainho, sal, salão, saleiro, salineira, salina, salitre, salmoira ou salmoura, sôbre-cabeceira, tabuleiro, talho, tomadoiro, viveiro e zorra, pelo menos.

No *Vocabulário...* damos, também, muitos termos da vegetação marinha da Ria de Aveiro e Lagoa de Esmoriz principalmente, de plantas *moles*, conhecidas pelo nome coletivo *moliço*, precioso adubo das terras: *alface-ão-mar, arganel, carqueja, carrapeto, cárrega, castanhol, ceva ou seba, cirgo ou cirgo* ou, ainda, *sirgo, corozil, fita, fôlha, folhada, gorga, langanho, limônio, mormaça, mormo, mormaça, papeira, pinheira, pojo, rabo, tabua, trapa*, etc.. O trabalho de apanha ou colheita do *moliço* possui, também, uma terminologia rica: *arrastar, gadanha, manejo, mariscar, matola, moliceiro, rapão*, etc.. Não é tudo, a respeito das plantas aquáticas. Sob outros aspectos: *bajunça, barcinha* ou *bracinha, boleira, bruco, bugalhó, çabarrinha* ou *sabarrinha, canizia, castanho, cordeirinho, corticó, embude, escalracho, estramagueira, golfe, junça, labaçol, macaca, marinhão* (vendedor de junco), *nadabau, patinha, rapilho, sazeiro, solda* ou *sorda*, etc.. Não devemos esquecer a linguagem das estrelas de *bainho, bunho* ou *buinho* dos obreiros de *cavalo à porta* (*os-de-cavalo-à-porta* ou *veirenses*) de Veiros, município de Estarreja.

(31) — Na fonética vareira, de Espinho, diz-se *bular*: “Aquêlê barco qui *bulou* de lá é o do Zé Zarrals”.

(32) — Vêde muitos outros fenômenos de linguagem trópica marítima e rural em nosso *Vocabulário...*

(33) — *Vocabulário de Entre Douro e Vouga. Subsídios de Geografia Lingüística para um Atlas Geral da Língua Portuguesa*. Compõe-se de três grandes volumes: vol. I. *Introdução*; vol. II. A-J; vol. III. L-Z.

A *Introdução* está dividida em seis partes:

A 1.ª Parte contém os capítulos “Vista Geral da Região”; “Da Criação de Museus de Linguagem Regional”; “Fontes da Língua”; e “Critério a que obedeceu a recolha dos Vocábulos”.

A 2.ª Parte diz respeito à fonética.

A 3.ª Parte comporta a morfologia, entre outros assuntos, os gêneros, números, categorias gramaticais, vozes dirigidas aos animais, conversas atribuídas aos animais, vozes dos sinos, composição, derivação, etc.

A 4.ª Parte é referente à estilística: contribuições terrestre e marítima; elementos gerais; alterações; falares rimados; frases estereotipadas; superlativações; fórmulas de tratamentos; saudações, despedidas, agradecimentos; juramentos; comparações com os animais, vegetais, etc.; linguagem maliciosa: cacófatos, alusões aos órgãos genitais e atos sexuais, aberrações, infidelidades conjugais, etc.; anexins; parêmlas; sentenças;

abanhar, abarga, abicar, abrir, adague, aguagem, agulha, ala!, alar, albitânea, alcadoeira, alcanela, alcatruz, alto, aluzar, alvitana, amanhar, amarra, amarrador, amarrilho, ancoro, andaço, andaina, andar, na expressão andar ao frago (o peixe), anete, anga ou angra, angeijão (vento), angelina, anzol, apertar, apoitar, aranha, aranhô, arau, arco, arda, ardido, areiinho, arinque, armado, armar, armela, arraia, arrais, arrais-da-terra, arrais-do-mar, arrastão, arrastar, arrasto, arrebentação, arrebentação-do-mar-de-banco, arrebentação-de-terra, arremedilho, arricável, arrolar, arte-da-giga, arte-grande, arte-nova, arte-pequena, arte-velha, aselha, assais, atador, atafais (utensílios de pesca), atar, atensão (= tesão), aterrear, atonado, atonar, avio, azagaia, babeira, babujar, babuge, baía

rifões; ironias; maledicências, etc.; tropos: metáforas, sínédoques e metonímias; eufemismos, referentes a atos de agressão, a animais, corpo humano, defecar, nojo por alguém, diabo, diarréia, doenças, embriaguez, bebidas, menstruação, morte, onanismo, para afastar alguém, para mandar calar alguém, prenhes, roubar, para encobrir palavras obscenas ou cuja pronúncia provoque efeitos desagradáveis, cadeia, ventos intestinais, relações sexuais com respeito ao homem e à mulher; disfemismos; trocadilhos, etc.

A 5.ª Parte trata de onomástico: de toponímia e antroponímia. *Toponímia*: topónimos provenientes da constituição geológica; hidrografia; configuração do solo; vegetação; fauna; agregados populacionais romano-portuguêses; construções ou instituições civis ou sociais, comerciais, industriais, religiosas, políticas e militares romano-portuguêses; profissões; agricultura; família; religião cristã ou não; viação; clima; fogo; côres, etc.. *Antroponímia*: nomes oficiais, apelidos, alcunhas, etc.. Alcinhas individuais, familiares e coletivas. Alcinhas ligadas a acontecimentos diversos: defeitos físicos; estados inferiores da alma; palavras mal pronunciadas; ditos; estatura; cor da pele, olhos, cabelos, etc.; distinção de famílias; trato; vestuário; profissões; sabedoria real ou aparente; emigração; desprezo; povoações, etc.. Alcinhas de bois, cães, gatos, cavalos, etc.

A 6.ª Parte trata de "Povoamento Medieval da Região", em relação com o povoamento pré-romano e romano-godo-árabe, e em relação com o presente. O volume II (A-J) e o volume III (L-Z) são do vocabulário geral da região. Mais de 10.000 vocábulos, grande parte deles ainda não dicionarizada nos maiores léxicos da língua, ou dicionarizada, mas não com as significações aí achadas. Valorizam o "Vocabulário" muitos estudos de ordem semântica, etimológica, etc.. A obra contém, ainda, preciosas informações de caráter arqueológico, etnológico, sociológico, etc..

Já falamos deste assunto no *Jornal do Commercio*, de 6 de março de 1955, num longo artigo de apresentação do "Vocabulário" ao público brasileiro interessado. Neste artigo, demos o texto quase integral do capítulo "Vista Geral da Região de Entre Douro e Vouga" da 1.ª Parte da *Introdução*. No mesmo jornal, número de 9 de abril, mesmo ano, demos o texto do capítulo "Da Criação de Museus de Linguagem Regional", no número de 7 de agosto, o texto do capítulo "Fontes da Língua"; e no número de 11 de setembro, o texto do capítulo "Critério a que obedeceu a Recolha dos Vocábulos". Todos os textos são da 1.ª Parte da *Introdução*.

(porção de água mansa que fica entre o *mar-do-banco* e a *arrebentação-de-terra*), *baleia*, *baliza*, *barbal*, *barbisco*, *barbo*, *barcaça*, *barbagão* (também dito *berbigão*, *berguigão*, *breguigão* e *briguigão*), *barga* ou *varga*, *barquear*, *barqueiro*, *barra* (substantivo e adjetivo), *barria*, *batedouro*, *bateira*, *batelada*, *bateleira*, *beijinho*, *beliscar*, *berbigoeira* ou *berguigoeira*, *besugo* ou *vesugo*, *bica*, *bichata*, *bicheiro*, *bichelo*, *bichoiro*, *bisame*, *biu-biu*, *boça*, *bocada*, *boga*, *bóia*, *boiar*, *bolear* (= *velar* e *velear*), *bôlo*, *bolsa*, *boqueirão* ou *biqueirão*, *borbulhido*, *borda*, *borda-falsa*⁽³⁴⁾, *bordada*, *bordão*, *bôrdo*, *bota-abaixo*, *botirão*, *botiroeiro*, *bôto*, *braça*, *branco*, *branqueira*, *brasino*, *brear*, *breçolho* (ou *bressolho?*), *bruxo*, *bugiganga*, *burel*, *burgau* ou *gurgau*, *burgo*, *burrica*, *buzo* e *búzio*, *cabaceira*, *cabaço*, *cabeça*, *cabeceiro*, *cabeleiro*, *cabra*, *caçadeira*, *cação*, *cachiço*, *cachopo*, *cachote*, *cacife* (ou *cacifo*, *cacifre* e *cacifro*), *caçoeira*, *cadino*, *cadoura*, *cágado*, *cagarete*, *cagaréu*, *cagatoiro*, *cair* (tornar-se o mar bom para a pesca), *cal* ou *cale*, *cala*, *calamão*, *calamento*, *calão*, *calar*, *calcadeira*, *caldear*, *caldeia*, *caldeirada*, *cale*, *calimba*, *calime*, *calimeira*, *calmeira*, *camarada*, *camarão*, *camarinha*, *camaroeira*, *cambada*, *cambão*, *cambar*, *cambeia*, *cambo*, *camboa*, *campanha* ou *companha*, *cana*, na expressão *botar à cana*, *candear*, *candeio*, *caneiro*, *caneta*, na locução *à caneta*, *canjar*, *cano*, *cão*, *capela* (onda alterosa), *capelo*, *caqueiro*, *caracol*, *carangueijo*, *carangueijola*, *caranguejeira*, *carapau*, *caravela*, *cavalo* (corda), *caverna*, *cavernil*, *cego*, *cêrca*, *cêrco*, *chã*, *chalandra*, *chamador*, *chanfana*, *chão*, *charolo*, *chato*, *chávêga* ou *xávêga*, *chelão*, *cheleira*, *chelote*, *chibeira*, *chicote*, *chilreira*, *chinha*, *chincheiro*, *chinchorro*, *chocho*, na expressão *em chocha*, *choco*, *chousa*, *chumaceira*, *chumbada*, *chumbeira*, *chumbeiro*, *chumbo*, *ciba*, *cofo*, *colher*, *comeira*, *companha* ou *campanha*, *concharinha*, *congro*, *copejada*, *copejadura*, *copejar*, *copo*, *coqueiro*, *coral*, *corda* (litoral, linha da costa), *corriculo*, *corrimão*, *cortiçada*, *costado*, *cota*, *côvão*, *côvado*, *covo* (= *cofo*), *crena*, *crenar*, *crica*, *croque*, *cuada*, *curral*, *currinhal*, *derra-*

(34) — Damos alguns termos de barcos e aparelhos de pesca do rio Douro e, por extensão, de barcos de condução de passageiros e mercadorias, incluindo os barcos-rabelos, igualmente, do rio Douro, de mercantéis dos rios Vouga e Agueda e de moliceiros da ria de Aveiro.

*balho, desalvitanado, desenrascar-se, desmalmado, despescar, dinheiro-do-mar, draga, eiró e eirô, emalhar, embergue ou envergue, embude, empatar, encalhar, encandear, encanteirar, encaranguejar, encascar, encasque, encher, encorar, encurta, encurta-do-maião, enfarruscado, engalhar, engalriçar-se, en-
guia, enjoar (cheirar mal o peixe), enrabiscado, enrascada, enrascadela, enrascadura, enrascanso, enrascar-se, enredador, entepara, entralhar, entralho, entremesa, enxido, enxugar, na expressão enxugar a rêde, escalamão, escamão, escamarão, escamento, escasseiro, escasso, escoadoiro, escoar, escochado, escochar, escochente, escota, esganar, na expressão esganar as palmas, esgocho, esgotadouro, esgôto, esmalhado, esmalhar, espadela, espadilha, espanar, especo, espelho, espetada, espia, espiador, espicha, espinhel, estaca, estacada, esteio, esteira, esteiro, estramagueira, estrebular, estribeira, estripar, estrobar e estrovar, estrôbo e estrôpo e ainda estrôvo, falca, falquear, faneca, faticeira, fateixa, fatoco (faneca pequena), fatoquinho, feitio (indício de peixe), principalmente, na expressão procurar o feitio, fêmeo (masculino de fêmea), ferragem-de-fora, ferrar, ferruge, finco, fisga, fisgada, fisgão, fisgar, fisgar-se, foda (peixe-agulha), foição ou foução, forcada, frago, funda, gaiúta, gaivina ou gavina (ave que indica fei-
tio, isto é, que é indício de peixe no mar, assim como outras, sc., alcatraz, arau, gaivota, painho, pardela ou pardelha, etc.), galga, galinha-do-mar (tremelga), galiota, galo, galricho, gambuzilho, ganapáo, ganapo, ganhuço, ganilho, ganizo, garatéia ou gratéia, garôto (peixe ainda novo, por criar), garragina, garranto, gasgote, gavina, giga, grafião ou gulfião e, ainda, gurfião, gratear, grotá, grumo, guarda, guelra, guia, guieira, guincho, gurgalhada, gurgau, ilhalvo, ingalhar, isca ou isco, janeira, jeito, labação, laço, lacraia e lacrau, lago, lam-
preeira ou lampreeiro, lançamento, lance, lanço, lapa, lara-
cha, largadouro, larote, lastro, lavada, lestada ou lestrada, lín-
gua, lingueirô, linha, loda, loira, lula, luzo, maçadia, macola, maião, majoeira, malaia, malecucoco, malhagem, manaça, ma-
naia, mansidão, mandante, manga, manta, mão, mar, mar-
de-banco, mar-de-terra, marabota ou maragota e, ainda, mar-
gota, maré, marear, mareiro, marezia ou marzia, maria-pica, marinha, marinhão, marnoto, mazoalho ou meizoalho e, ain-*

da, *mexcoalho*, *mercantel*, *mercantela*, *metedor*, *mijona* (arraia pequena), *míleras*, *mílharas*, *mílheras* ou *mímulas*, *moicidade* (carapau ainda menor que a petinga ou sardinha pequena), *modo*, *môscas*, *mosquear*, *mouro*, *mudador-de-madeira*, *mugiganga* (= *bugiganga*), *mujeira*, *muleta*, *muro*, *nessa* ou *nasso*, *navalhinha*, *navegante* (crustáceo), *negrão* (peixe), *negrol* (substantivo coletivo: cardume de sardinhas), *nordestão*, *noroestão*, *nortada*, *norte*, *olho-de-boi* (vento), *olho-verde* (peixe), *orla* (orla), *onda* (ornato de bordados vareiros), *orçar*, *ouca*, *ovado*, *pail*, *paixão*, *palangre*, *palheiro*, *palma*, *palmeiro*, *panca*, *panda*, *pandeireta*, *pandulho*, *panelheiro*, *pano*, *pardela* ou *pardelha*, *parreira*, *passador*, *pataleta*, *pegadouro*, *pego*, *peija*, *peixão*, *peixarenho*, *peixe-branco*, *peixe-de-escolha*, *peixe-de-fundo*, *peixe-pau*, *peixe-sapo*, *peixeira*, *peixinho*, *pendão* ou *pundão*, *pescada*, nas expressões *arrastar a pescada* e *arrotar postas de pescada*, *pescadeira* (feminino de *pescador*), *pescado*, *pescar*, *pescarejo*, *pesqueira*, *petinga*, *pia*, *pião*, *pica*, *picado*, *picar*, *pichorro*, *pimpão*, *pipo* (= *calime*), *pique*, *pitau* ou *pitéu*, *pluma*, *poita* ou *pouta*, *poitar* ou *poutar* (cf. *apoitar*), *pontal*, *proa*, *procurador*, *proeira*, *punda*, *pundão*, *punho*, *puxador*, *quarteirão*, *rabeiro*, *rabeta*, *ra-bo-de-galo*, *ração*, *raçoeiro* ou *reçoeiro*, *raia*, *raião*, *rapichel*, *rapilho*, *rasca*, *rascaço*, *rascão*, *rasco*, *rastolho* ou *restolho*, *recachia*, *recoleta*, *reda*, *rêde*, *redeiro*, *remadoira*, *remadoiro*, *remar ao cano*, *remar à espia*, *remar a três de pé*, *rêmo*, *rêmo-maião*, *rêmo-proa*, *requinte-do-maião*, *requinte-da-proa*, *resulho* ou *rosulho*, *retenida*, *ribeira*, *ricavém*, *rinzar*, *rinze*, *risca!*, *rize*, *robaleira*, *robinegra*, *roda*, *rodeiro* (térmo dos barcos-rabelos), *rôdo*, *rola*, na locução *à rola*, *roubaco* ou *rouvaco* e, ainda, *roibaco* e *roivaco*, *ruiva*, *ruivaco*, *ruivo*, *sacada*, *saco*, *safio*, *safra*, *sagrado*, na expressão *mar sagrado*, *sagro*, *sagunchinho*, *saitela* ou *seitela* e, ainda, *sertela* e *sertelha*, *saleiro* (peça de madeira que une as duas tábuas do *sagro* a que se sobre põe, em barcos do rio Douro), *salmoira* ou *salmoura*, *salmonete*, *saltão*, *salto*, *sapo*, *sardinha*, *sávaca*, *saveira*, *sável*, *savelha*, *savelhinha*, *savoga*, *savolho*, *sediela* ou *serdiela*, *seitelar*, *selha*, *semino*, *serteleiro*, *sil*, *singeleiro*, *sirga*, *sirgagem*, *sobre-vara*, *solha*, *solheira*, *suestão*, *sueste* (boné de lã muito grossa e abas compridas), *sul*, *surdir*, *taburno*, *taco*, *tala*, *ta-*

lista, tareco, tarembeco (= *tareco*), *tarma, teca, tendal, terlinga* ou *trelinga, termina, tesão* (cf. *atensão*), *ticum, tintureira, toalha* (cardume de peixes; cf. *negrol*), *tolete, toloca, tomar* (= *pescar*), *toninha, torteira, tosamento, toste, toutiço, tralha, trancar, traste, travessia-alta, tremalho e tresmalho, trempe, trilha-pé, trinca-espinhas, trincada, trosses* (calças dos vareiros), *truita e truta, uje, unha, unhante* (pescador da Ria de Aveiro que apanha as enguias à mão), *vai-e-vem, vara, varadouro, varal, varar, varela, varestilha, varinha, vareirada, vareiro, varga ou barga, varina, varino, vasculho, velar e velear* (= *bolear*), *verdugo, verga, vermelho* (qualidade de camarão), *vilão, viloa, vir*, na expressão *vir o mar a bom* (cf. *cair*), *xávega* ou *chávega, e zagaia*.

Estudaremos, primeiro, os vocábulos que se ligam às artes velhas e novas de pesca marinha: barcos e aparelhos. Deixaremos para outra oportunidade as artes fluviais.

Os velhos dizem que se avizinha o mundo de Anti-Cristo, das profecias.

O século vinte surge como um grande túmulo das belas crenças do passado.

O que é velho morre, mas morre devagar, não com a intensidade e ritmo atômico dos nossos tempos.

Rasgam os campos da cultura popular novas béstas apocalípticas.

Salve-se o que ainda possa ser encontrado⁽³⁵⁾.

Revigorem-se as tradições esmorecidas.

Acorde-se o que esteja adormecido.

A procura de belezas imersas revolva-se, até, o fundo dos naufragos perdidos.

Todo o esforço espiritual tem em si mesmo a recompensa: a alegria e a felicidade dêsse esforço.

(35) — O antigo vocabulário da pesca está a perder-se totalmente com a introdução de artes novas (*arrastões, traineiras, etc.*), adventícias, que vêm substituindo as velhas. Com o abandono dos antigos processos de pesca está-se perdendo, também, uma grande riqueza etnográfica.

ARTES DE PESCA MARÍTIMA

ABICAR, *v.* I. Aproar um barco de pesca à praia. II. Terminar em bico. Vêde *Botirão*. *E.* Vêde *Bica*.

ABRIR, *v.* Alargar-se ou espalhar-se um cardume de peixe. Vêde *Pião*. *E.* Do lat. *aperire*.

ADAGUE, *s.m.* Vêde *Parreira*.

AGULHA, *s.f.*, I. Utensílio de madeira ou de metal, para fazer ou consertar rêdes. II. Ponta aguçada da madeira do bôrdo e fundo dos barcos. III. Vêde *Camaroeira*, *Espinhel*, *Pica* e *Trempe*. *E.* Do lat. *acucula* < *acus* < *acere*, “ser azedo”.

ALA!, *interj.* Voz proferida pelos pescadores, ao puxarem o barco ou as rêdes para terra. *E.* Vêde *Alar*.

ALAR, *v.* I. Puxar a bateira ou o barco da companha, pela areia arriba, por meio de rolos. II. Puxar a rêde ou outros aparelhos de pesca para terra; ir, caminhar: “*Ala* que se faz tarde”; “*Ala, ala*, meu cavalo, / *Vai-te desaparelhar*. *Vai* levar novas à tia / *Que me venha cá buscar*” (de um romance popular).

(Continua)